

A ETNOMATEMÁTICA NA EJA: UM ESTUDO SOBRE AS POSSIBILIDADES E AS CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DOS ANAIS DO ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

ETHNOMATHEMATICS IN THE EJA: A STUDY ON THE POSSIBILITIES AND CONTRIBUTIONS FROM THE ANNALS OF THE NATIONAL MEETING OF MATHEMATICS EDUCATION

ETNOMATEMÁTICAS EN LA EJA: UN ESTUDIO DE LAS POSIBILIDADES Y APORTACIONES DE LAS ACTAS DEL ENCUENTRO NACIONAL DE EDUCACIÓN MATEMÁTICA

Fernanda Moreira Lopes^[1], Francisco Wagner Soares Oliveira^[1], Otávio Floriano Paulino^[2]

[1] Universidade Estadual do Ceará (UECE), Limoeiro do Norte, CE, Brasil.

[2] Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Pau dos Ferros, RN, Brasil.

Data de submissão: 26 out. 2024. **Data de aprovação:** 28 abr. 2025. **Financiamento:** os autores declaram não haver financiamento. **Como citar:** LOPES, Fernanda Moreira; OLIVEIRA, Francisco Wagner Soares; PAULINO, Otávio Floriano. A Etnomatemática na EJA: um estudo sobre as possibilidades e as contribuições a partir dos anais do Encontro Nacional de Educação Matemática. **REMAT: Revista Eletrônica da Matemática**, Bento Gonçalves, RS, v. 11, p. e205, 17 ago. 2025. <https://doi.org/10.35819/remat2025v11id7526>.



Este artigo está licenciado sob uma licença *Creative Commons Attribution 4.0 International License*.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo identificar as possibilidades e as contribuições do trabalho com a Etnomatemática na Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir dos anais do Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM). Foi feito um estudo bibliográfico com base em uma abordagem qualitativa de pesquisa. Dentre as possibilidades de trabalho com a Etnomatemática na EJA, podemos destacar que eles partem de situações e práticas que, em muitas das vezes, estão no contexto dos próprios alunos, por exemplo, o trabalho de pedreiro e marceneiro, a construção de artesanato, a simples ida a um supermercado fazer compras e atividades agrícolas. Ao considerar essas práticas, percebemos algumas contribuições, tais como: valorização da cultura e conseqüentemente maior interação dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem, e ensino e a aprendizagem tornam-se mais significativos, recuperação da autoestima dos envolvidos e inclusão de pessoas de contextos e níveis variados. Diante do estudo, compreendemos que é necessário considerar a Etnomatemática na EJA, pois ela permite engajar e trazer os estudantes para o debate e aprendizagem de conceitos matemáticos, isso principalmente pelo fato de considerar as práticas e as realidades dos próprios alunos.

Palavras-chave: Educação Matemática; Etnomatemática; Educação de Jovens e Adultos; Encontro Nacional de Educação Matemática.

Abstract: The aim of this article is to identify the possibilities and contributions of working with Ethnomathematics in Youth and Adult Education (EJA) based on the annals of the National Meeting of Mathematics Education (ENEM). A bibliographical study was carried out based on a qualitative research approach. Among the possibilities for working with ethnomathematics in the EJA, we can highlight that they start from situations and practices that are often in students' own context, for example, working as a bricklayer and carpenter, building handicrafts, simply going to a supermarket to do some shopping and agricultural activities. When we consider these practices, we notice some contributions, such as: valuing culture

and consequently greater student interaction in the teaching and learning process; teaching and learning becoming more meaningful, regaining the self-esteem of those involved and including people from different backgrounds and levels. In light of the study, we understand that it is necessary to consider Ethnomathematics in the EJA, as it allows students to be engaged and brought into the debate and learning of mathematical concepts, mainly because it takes into account the practices and realities of the students themselves.

Keywords: Mathematical Education; Ethnomathematics; Youth and Adult Education; National Meeting of Mathematics Education.

Resumen: Este artículo pretende identificar las posibilidades y contribuciones del trabajo con Etnomatemáticas en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) a partir de los anales del Encuentro Nacional de Educación Matemática (ENEM). Se realizó un estudio bibliográfico basado en un enfoque de investigación cualitativa. Entre las posibilidades de trabajo con las Etnomatemáticas en la EJA, podemos destacar que parten de situaciones y prácticas que muchas veces forman parte del propio contexto de los alumnos, como el trabajo de albañil y carpintero, la elaboración de artesanías, el simple hecho de ir a un supermercado a comprar y las actividades agrícolas. Al considerar esas prácticas, se evidencian algunas contribuciones, tales como: valorización de la cultura y, como consecuencia una mayor interacción de los alumnos en el proceso de enseñanza y aprendizaje; y enseñanza y aprendizaje más significativos, recuperación de la autoestima de los involucrados; e inclusión de personas de diversas procedencias y niveles. A la luz del estudio, se concluye que es necesario considerar la Etnomatemática en la EJA, ya que permite involucrar y acercar a los estudiantes al debate y aprendizaje de los conceptos matemáticos, principalmente porque considera las prácticas y realidades de los propios estudiantes.

Palabras clave: Educación Matemática; Etnomatemáticas; Educación de Jóvenes y Adultos; Encuentro Nacional de Educación Matemática.

1 INTRODUÇÃO

Infelizmente, a disciplina de Matemática é considerada por alguns estudantes “um bicho de sete cabeças”, ou seja, algo difícil de se entender. Por esse motivo, eles nutrem um sentimento de aversão, o que dificulta conseguir um bom desempenho na matéria. Ademais, é possível perceber que os alunos associam a compreensão de um conteúdo matemático com o fato de decorar fórmulas, fazer diversos exercícios repetitivos, entre outras ideias. No entanto, tal área vai muito além disso e está presente em diversos momentos do cotidiano.

Esta situação não é muito diferente nas turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Como previsto em Lei N° 13.632, de 6 de março de 2018 (Brasil, 2018), o público dessa modalidade de ensino, se refere a pessoas que não conseguiram concluir o Ensino Fundamental ou o Ensino Médio na idade apropriada. É comum, então, que diante desse contexto, tentem conciliar os trabalhos ou afazeres domésticos com a volta da rotina de estudos. Sem dúvidas, é algo desafiador, pois além de lidar com as preocupações do dia a dia, tais sujeitos se dedicam na realização das atividades escolares. Em vista disso, o professor precisa buscar alternativas de abordar o conteúdo matemático com o intuito de tornar o processo de ensino e de aprendizagem mais atrativo e contextualizado com a realidade em que vive.

Ao pesquisar, por exemplo, no Google Acadêmico, tendo como palavras-chave EJA e ensino

de matemática, notamos a Etnomatemática como uma tendência bastante utilizada por professores, principalmente quando o foco é desenvolver um ensino que considere as práticas e o contexto dos estudantes. Diante desse cenário, tendo em vista abordar a EJA, a Etnomatemática ganha espaço nesse estudo. Cabe destacar que, em linhas gerais, a Etnomatemática se configura como um programa amplo de compreensão e interpretação da realidade, de atuação e de investigação em Educação Matemática (D'Ambrósio, 2017). A Etnomatemática foi pensada e defendida fortemente pelo professor e pesquisador Ubiratan D'Ambrósio, o qual sinaliza que:

Diferentemente do que sugere o nome, Etnomatemática não é o estudo apenas de matemáticas das diversas etnias. Mais do que isso, é o estudo das várias maneiras, técnicas, habilidades (technés ou ticas) de explicar, entender, lidar e conviver (matema) nos distintos contextos naturais e socioeconômicos, espacial e temporariamente diferenciados, da realidade (etno). A disciplina identificada como matemática é na verdade uma etnomatemática. (D'Ambrósio, 2009, p. 125).

Em outras palavras, a Etnomatemática acolhe os saberes tradicionais para o contexto de sala de aula, valorizando seus aspectos naturais, culturais e socioeconômicos. Ela procura relacionar os conhecimentos matemáticos adquiridos por meio da vivência do indivíduo com os conteúdos trabalhados dentro de sala de aula. Nessa perspectiva, compreendemos que a Etnomatemática pode orientar e fazer parte do processo de ensino do professor, a fim de promover a aprendizagem dos estudantes da EJA, pois ensinar um determinado assunto, trazendo exemplos do cotidiano desses alunos, ajuda-os a atribuir ainda mais sentido e significado ao conteúdo aprendido.

Além disso, vale destacar que os alunos da EJA, em muitas das vezes, possuem uma série de conhecimentos práticos, os quais permitem lidar com as diversas situações e práticas do dia a dia. Cabe ao professor, então, considerar esse conhecimento prévio e utilizá-lo como instrumento para se discutir os conhecimentos escolares.

Sabemos que o currículo da EJA procura trabalhar as singularidades da pessoa jovem, adulta ou idosa, como também tenta incorporar as diversidades presentes no universo desses sujeitos, levando em consideração suas origens, saberes e projetos de vida (Brasil, 2018). É possível notar, que essas características caminham na direção da concepção de currículo da própria Etnomatemática, a qual, conforme D'Ambrósio (2017), é contrária às dinâmicas rígidas de currículo, que privilegiam apenas os conhecimentos científicos.

Ainda nessa perspectiva da necessidade de se considerar no currículo, não apenas o conhecimento escolar, Freire (2001, p. 71) afirma que:

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não se permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola.

Nesses termos, fica claro a importância de se desenvolver um ensino que considere o contexto, as experiências e os saberes dos estudantes de modo a favorecer uma participação ativa. Em busca de propositivas que possam contribuir para pensarmos como superar um ensino meramente conteudista, caminhamos neste estudo tendo como objetivo identificar as possibilidades e as contribuições do trabalho com a Etnomatemática na EJA a partir dos anais do Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM). A escolha pelos anais do ENEM, deve-se, dentre outras justificativas, ao fato desse encontro reunir, de forma organizada, trabalhos desenvolvidos em várias regiões do Brasil, as quais têm atividades práticas e características culturais diversas.

O ENEM, em específico, é realizado desde 1982 pela Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM). Ele promove discussões importantes na área da Educação Matemática e permite o compartilhamento de publicações nas mais diversas temáticas desse campo de pesquisa, feitas por educadores da Educação Básica, da Educação Superior, entre outros.

Para a obtenção do objetivo da presente pesquisa, foi realizada uma investigação bibliográfica com base em uma abordagem qualitativa de pesquisa. Tendo como material de análise as comunicações científicas do ENEM. Na sequência da exposição de nossa pesquisa, logo após essa parte introdutória, é apresentado elementos sobre o programa Etnomatemática e a EJA; em seguida, são contemplados em mais detalhes informações referentes à metodologia; em um quarto momento, é feito o estudo e a discussão dos resultados e, por fim, têm-se as considerações finais.

2 O PROGRAMA ETNOMATEMÁTICA E A EJA

A Matemática está presente em diversas situações corriqueiras, como no preparo de um bolo, na compra de uma comida, nas medidas de tempo, na construção de uma casa, entre outros exemplos. Uma das formas de considerar esses contextos no ensino de Matemática é trabalhar na perspectiva do pensamento Etnomatemático, o qual:

[...] está centralmente interessado em examinar as práticas de fora da escola, associadas a racionalidades que não são idênticas à racionalidade que impera na Matemática Escolar, com seus estreitos vínculos com a razão universal instaurada pelo Iluminismo. Mas é preciso que se diga: olhar para essas outras racionalidades, sem jamais se esquecer do que está no horizonte, é pensar outras possibilidades para a Educação Matemática praticada na escola. (Knijnik et al., 2012, p. 18).

O professor de Matemática, que usa tal abordagem, busca reconhecer os conhecimentos matemáticos obtidos por meio da experiência de vida do aluno, tentando associar com os conteúdos escolares. Em consequência disso, é gerada uma maior aproximação desse indivíduo com o docente, com a escola, como também com o próprio processo de ensino e de aprendizagem da Matemática. Além disso, o estudante consegue ser o principal agente de seus estudos, visto que o assunto trabalhado se torna mais interessante por ser algo familiar.

Cabe ressaltar que a Etnomatemática não pode ser definida apenas como estratégia de ensino. Ela vai muito além dessa ideia, pois busca analisar o contexto social e cultural de um determinado grupo, em que são desenvolvidas as práticas cotidianas, sempre observando os detalhes em movimento e refletindo de forma crítica (D'Ambrósio, 2009).

Diante disso, percebe-se que ao utilizá-la com os alunos da EJA, torna-se, possivelmente, o ensino e a aprendizagem de conteúdos matemáticos mais contextualizados e próximos da realidade. Tais sujeitos estão tentando voltar para dentro de sala de aula, porém assumindo outras grandes responsabilidades, uma vez que são, em sua maioria, mães e pais de famílias humildes ou trabalhadores jovens, se unindo apenas um único objetivo: melhorar sua qualidade de vida. Por esse motivo, é necessário buscar meios para facilitar o processo de aprendizagem dessas pessoas.

Além de fazerem um esforço para conciliar as obrigações do dia a dia com as atividades escolares, eles vivenciam um conflito diário com suas inseguranças, visto que não se sentem capazes de estudar algo novo, ou ainda, desvalorizam seus saberes prévios. Nesse sentido, Freire (1974, p. 54) afirma que: “[...] a autodesvalia é outra característica dos oprimidos. Resulta da introjeção que fazem êles da visão que dêles têm os opressores”. Em uma sociedade urbana e letrada, ter sido excluído da escola de forma precoce não só prejudica a inserção no mercado de trabalho, como também afeta a saúde mental do indivíduo, o que leva subestimar sua capacidade de aprender, conseqüentemente, tornando a visão do opressor uma verdade, como foi exposto pelo autor.

Outro ponto a ser discutido é a negligência do governo com essa modalidade de ensino, como mostra a primeira reportagem da Série Desafios e Perspectivas da EJA no Brasil, apresentada por D'Maschio e Lopes no ano de 2022¹. Ela revelou uma diminuição drástica de investimentos no setor educacional, sendo a EJA a área mais afetada, com um corte de 94% no orçamento. Tal situação, possivelmente, impacta na qualidade do ensino a ser ofertado, na carência de materiais adequados, bem como no fechamento de algumas escolas, conseqüências essas expostas ao longo da reportagem.

Essa negligência repercute diretamente na qualidade de ensino e na aprendizagem dos alunos, não só de Matemática, mas também das outras áreas do conhecimento. Para além da

¹ D'MASCHIO, Ana Luísa; LOPES, Marina. Inovações em Educação. **Porvir**, 8 nov. 2022. Disponível em: <https://porvir.org/no-pais-de-paulo-freire-eja-tem-corte-de-investimento-e-pouca-visibilidade>. Acesso em: 13 set. 2024.

superação desses obstáculos, D'Ambrósio (2008) sinaliza para a necessidade de, primeiramente, compreendermos o que se trata a Matemática, em sua concepção, a qual embasa o programa Etnomatemática, "o que chamamos Matemática é uma resposta à busca de sobrevivência e de transcendência, acumulada e transmitida ao longo de gerações, desde a pré-história" (D'Ambrósio, 2008, p. 27). Nesse sentido, pensando especificamente na EJA, é possível perceber que o conhecimento que o estudante da EJA traz para a sala de aula é reflexo e fruto de sua experiência e contexto. Eles conseguem fazer estimativas, conseguem realizar cálculos mentais precisos e ainda executar métodos de contagem organizados. Tais saberes são adquiridos a partir da sua experiência de vida, utilizados como meio para obter seu sustento e repassados para futuras gerações.

A título de exemplo, temos os tecelões de redes de dormir de Jaguaruana/CE. Conforme Lima e Bandeira (2019), eles utilizam conhecimentos matemáticos, como procedimentos de equivalência, proporcionalidade, variação e aproximação com o intuito de fabricar o melhor material possível, uma vez que este é símbolo da cultura local e recurso para viver de muitas famílias.

Diante desse cunho humano e social que permeia a Matemática e a Educação no geral, pensando no contexto da Matemática escolar, D'Ambrósio (2017) aponta para a necessidade de um currículo que considere instrumentos comunicativos, instrumentos analíticos e instrumentos materiais. Sobre os instrumentos comunicativos, ele se refere, por exemplo, a gestos, números e linguagem escrita e falada, os quais fazem parte da rotina diária dos sujeitos. Por sua vez, os analíticos dizem respeito a códigos e símbolos usados em modelos e aplicações cotidianas. Os instrumentos materiais seriam aqueles utilizados e combinados para resolver problemas do dia a dia. Compreende-se que esse currículo vai totalmente ao encontro da EJA, a qual precisa valorizar o contexto e o conhecimento que os estudantes trazem.

3 METODOLOGIA

A pesquisa trata-se de um estudo bibliográfico com base em uma abordagem qualitativa de pesquisa de caráter descritivo, seguindo os pressupostos de Gil (2002). Segundo o autor, o estudo bibliográfico ocorre por meio de etapas, a saber: escolha do tema, levantamento bibliográfico preliminar, formulação do problema, elaboração do plano provisório de assunto, busca das fontes, leitura do material, fichamento, organização lógica do assunto e redação do texto.

Diante disso, a definição do tema, primeira etapa, se deu mediante ao interesse pela Etnomatemática, como também foi movida pela curiosidade em conhecer as diversas maneiras de aprender Matemática, relacionando com situações do dia a dia de pessoas jovens, adultas e idosas, que ao nosso ver possuem conhecimentos valiosos. Já a etapa seguinte, levantamento bibliográfico preliminar, se deu de forma exploratória, lendo alguns textos sobre o assunto, dentre eles D'Ambrósio (2017); esse suporte possibilitou a delimitação do estudo. Além disso, ainda nessa etapa exploratória, tivemos acesso a algumas comunicações científicas sobre Etnomate-

mática e EJA publicadas nos anais do ENEM.

Diante desse levantamento preliminar, passamos à terceira etapa da pesquisa, momento em que nos questionamos: quais as possibilidades para se trabalhar com a Etnomatemática na EJA e as contribuições? Quando nos referimos às possibilidades, pensamos nas práticas socioculturais que podem ser exploradas. Formulado o problema, passamos à elaboração do plano provisório de assunto, em que decidimos considerar práticas socioculturais não apenas as matemáticas, exercidas por grupos de estudiosos, mas as práticas vivenciadas por cada grupo ou sujeito, relatadas nos estudos que fizeram parte da revisão. Em relação às contribuições, acordamos que era necessário não se restringir a aspectos internos da própria Matemática, os quais poderiam ser estimados pela resolução de problemas matemáticos, entendemos importante, considerar, tantas outras contribuições seja de cunho pessoal como também social.

Em continuidade à pesquisa bibliográfica, nos dedicamos à etapa de identificação/busca das fontes, a qual se assemelha com a segunda etapa em que foi feito um levantamento bibliográfico preliminar (Gil, 2002). Contudo, neste momento mais avançado, delimitamos os anais do ENEM como nosso repositório de trabalhos para a busca de comunicações científicas que abordassem a temática da Etnomatemática com a EJA. Durante a investigação, a qual aconteceu no segundo semestre de 2024, consideramos todas as edições do ENEM. Em um primeiro momento, era observado o título e eram analisados os resumos dos trabalhos, observando se debatiam ao mesmo tempo, sobre a Etnomatemática e a EJA. Nos casos em que não encontramos nenhuma relação de imediato, foi preciso ler um pouco da introdução. Na ausência dos temas da investigação, alguns trabalhos foram excluídos, enquanto os que se enquadravam foram listados para receber uma análise. As comunicações científicas selecionadas, encontram-se no Quadro 1.

Quadro 1 – Levantamento dos trabalhos apresentados no ENEM voltados para o uso da Etnomatemática nas turmas da EJA

Ano	Edição	Título	Autoria
2004	VIII	Educação de Jovens e de Adultos: investigando os atos de leitura e de escrita da linguagem matemática	Ocsana Danyluk, Carmem Gomes, Magda Mortari e Maria Elene Mallmann
2004	VIII	Calculando exagerado para não passar vergonha no caixa: conhecimentos matemáticos cotidianos de jovens e adultos do Morro de São Carlos	Maria Cecilia de Castello Branco Fantinato

2007	IX	Etnomatemática e prática docente na Educação de Jovens e Adultos	Maria Cecília de Castello Branco Fantinato e Rosana Kelly dos Santos
2007	IX	Pedreiros e marceneiros fazendo matemática: o conhecimento de alunos jovens e adultos em relação aos números decimais	Maria José Gomes e Rute Elizabeth de Souza Rosa Borba
2013	XI	A aplicação da teoria cognitivista e da Etnomatemática no ensino de conjuntos matemáticos na Educação de Jovens e Adultos	Christian Roger Vilela Pieper, Jonathan Brum Lauz, Michel Hallal Marques e Juliana Gualarte Coutinho
2013	XI	Aprendendo a Matemática com a abordagem Etnomatemática na Educação de Jovens e Adultos – Estudo de caso	Rodrigo Gonçalves Oliveira e Luana Leal Alves
2013	XI	Etnomatemática transdisciplinar no Proeja: o preço do metro quadrado para construção de uma casa de alvenaria simples na cidade de Juína – MT	Geraldo Aparecido Polegatti
2013	XI	Matemática Financeira: uma proposta para a EJA a partir dos pressupostos da Etnomatemática	Luiz Fernando de Sousa e Ana Paula de Almeida Saraiva Magalhães
2016	XII	O ensino de frações na Educação de Jovens e Adultos: um diálogo com a Etnomatemática e práticas de numeramento	José Erildo Lopes Júnior e Wagner Ahmad Auarek
2019	XIII	Contributos da abordagem da Etnomatemática no processo de ensino e aprendizagem da geometria na Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio	Kaline Moura dos Santos, Sidinéia Chagas da Silva e Sandra Alves de Oliveira

2019	XIII	O uso das tendências no ensino de Matemática: uma proposta para ensinar função quadrática na Educação de Jovens e Adultos	Thereza Cristinna Vieira Trindade, Raylanny Karynny dos Santos Ribeiro e Rayane de Jesus Santos Melo
2019	XIII	Um novo eu diante de mim	Vanessa Silva da Luz e Celiane Costa Machado
2022	XIV	A Etnomatemática do filé alagoano: narrativa de uma estudante – artesã do EJA	Leila Carla dos Santos Quaresma e Carloney Alves de Oliveira
2022	XIV	A profissionalização de alunos da Educação de Jovens e Adultos como fator auxiliador para a Etnomatemática	Roger Moreira de Almeida e Zionice Garbelini Martos Rodrigues
2022	XIV	Um estudo da Função do 1º grau através das Tendências de Ensino da Matemática na Educação de Jovens e Adultos	Raylanny Karynny dos Santos Ribeiro e Aparecida do Carmo Fernandes Cheroti

Fonte: elaboração dos autores.

Como foi possível observar no Quadro 1, foram selecionados 15 trabalhos. De posse desses textos, passamos a outra fase da pesquisa bibliográfica, leitura do material, nesse momento buscamos, por meio de uma leitura exploratória, observar as informações e os dados contidos em cada comunicação, visando favorecer o momento posterior, em que se realizou uma leitura mais interpretativa, por meio da qual se buscou identificar ou estabelecer alguma relação do trabalho com o nosso problema de pesquisa.

Após esse momento, ou melhor, em paralelo a ele, foi feito o fichamento dos trabalhos, o que favoreceu uma organização lógica do assunto. Na última etapa da pesquisa bibliográfica, realizamos a redação do texto, a qual se encontra logo na sequência.

4 ETNOMATEMÁTICA E EJA: O QUE REVELAM OS TRABALHOS PUBLICADOS NOS ANAIS DO ENEM?

Nesta seção, as informações levantadas entram em cena para discussão e aproximação com o referencial teórico. Neste momento, os trabalhos listados no Quadro 1 são expostos de acordo com a ordem expressa no referido quadro. O primeiro trabalho analisado foi o estudo de autoria de Danyluk et al. (2004), intitulado como “Educação de Jovens e de Adultos: investigando os atos de leitura e de escrita da linguagem matemática”. Essa comunicação científica não apresentou

enfoque Etnomatemático, isso em termos de suporte teórico. Contudo, pela leitura do texto, nota-se que a Etnomatemática permeou a investigação. O estudo debateu sobre as implicações da alfabetização matemática, apresentando algumas dificuldades na leitura e na escrita dessa linguagem a partir de turmas de EJA.

O público, foi de homens e mulheres, funcionários da construção civil, tais como ajudantes de pedreiros, operários em geral e azulejistas. Eles foram submetidos a algumas situações, que requeriam o desenvolvimento de atividades, em uma delas abordaram contagem a partir do cálculo da quantidade de folhas de um dado jornal. As autoras ressaltaram que esse experimento possibilitou o resgate da autoestima dos estudantes, pois cada um conseguiu entender e resolver o problema da sua forma, favorecendo sua confiança. As autoras destacam que aprenderam com os múltiplos saberes que os sujeitos apresentaram. Percebemos ainda que possivelmente, como de fato as autoras sinalizam, houve o fortalecimento da cidadania, visto que ao participarem tinham a possibilidade de conhecer, de poder e de usufruir de seus direitos.

No estudo de Fantinato (2004), nomeado como “Calculando exagerado para não passar vergonha no caixa: conhecimentos matemáticos cotidianos de jovens e adultos do Morro de São Carlos”, a autora abordou discussões pertinentes, como a baixa autoestima e o sentimento de incapacidade desse público, causados por julgamentos indevidos feitos pela sociedade. Além disso, ele mostrou como é utilizada a Matemática a partir da compra de produtos alimentares ou de roupas. Tais sujeitos realizavam estimativas precisas, fazendo suposições dos preços dos alimentos e anotando as contas em um caderno. Tudo isso era feito com o intuito de adquirir a quantidade necessária de mantimentos e de evitar o constrangimento no caixa. Ademais, alguns indivíduos tentavam prever o valor de uma vestimenta pelo tipo de tecido, sendo esta última atividade feita por uma costureira. Posto isto, foi possível perceber que os saberes matemáticos foram usados para garantir condições de sobrevivência e serviram como estratégias de afirmação de identidade, tal como sinaliza D’Ambrósio (2008) ao tratar do que é Matemática com base em uma perspectiva da Etnomatemática.

O terceiro trabalho, escrito por Fantinato e Santos (2007), denominado como “Etnomatemática e prática docente na Educação de Jovens e Adultos”, trata da prática docente inspirada em uma abordagem da Etnomatemática, elas apontam alguns resultados com base nas características dessa prática desenvolvida pelo professor André.

Dentre os resultados, os quais são fruto do olhar das pesquisadoras e da percepção do professor e dos alunos, tem-se que o ambiente de sala de aula, favorece uma disposição para o diálogo, seja por parte do professor como dos alunos, visto que o professor busca instigar os alunos a falarem, questionando-os sobre coisas do dia a dia e relacionando-as com os conteúdos matemáticos. Essa postura de considerar o conhecimento prévio dos alunos e buscar trazer a realidade deles para a discussão em sala de aula sinaliza para uma prática docente em que tem a capacidade de estabelecer relações, as quais favorecem certamente à participação ativa

dos sujeitos no processo de ensino e aprendizagem.

Não se pode deixar de elucidar também a importância do diálogo nas turmas de EJA, visto que está expresso na proposta nacional curricular para a EJA “os adultos não escolarizados aprendem muito através da comunicação oral, por isso, é importante dar-lhes a oportunidade de ‘falar de Matemática’, de explicar suas ideias antes de representá-las no papel” (Brasil, 2001, p. 101). Diante dessa orientação, notamos uma das potencialidades da Etnomatemática no processo de ensino e aprendizagem da EJA, visto que ela exige do professor uma predisposição para o diálogo.

Ainda dessa experiência relatada por Fantinato e Santos (2007), nota-se que, na prática docente do professor André, ele exercer autonomia no sentido de organizar e desenvolver suas aulas, segundo ele próprio, nas turmas de EJA não se tem muita rotina, visto que em cada dia, surgem situações novas e motivadoras, desse modo, não fica um ensino engessado, que tem que seguir determinadas prescrições.

O quarto estudo, feito por Gomes e Borba (2007), intitulado como “Pedreiros e marceneiros fazendo matemática: o conhecimento de alunos jovens e adultos em relação aos números decimais”, utilizou uma perspectiva Etnomatemática para entender a Matemática empregada por trabalhadores da construção civil, e por aqueles que fabricam móveis, em especial os conceitos de área e perímetro. De forma indireta, eles usavam regra de três para transformar centímetros para metros, ideias de proporcionalidade no cálculo de área e perímetro de figuras planas, entre outros conteúdos. Tudo isso era feito de maneira elaborada e algumas contas eram efetuadas mentalmente, o que tornou o processo mais interessante. As autoras concluíram destacando a importância de aproveitar as práticas profissionais dos estudantes, como instrumento de ensino, de discussão e de reflexão sobre conceitos matemáticos. Também indicam que reconhecer os conhecimentos prévios dos alunos possibilita trabalhar com conceitos mais avançados e deve ser algo prioritário na EJA.

O quinto trabalho sob a autoria de Pieper et al. (2013), intitulado “a aplicação da teoria cognitivista e da Etnomatemática no ensino de conjuntos matemáticos na Educação de Jovens e Adultos”, abordou a Etnomatemática e a Teoria Cognitivista, as quais foram usadas como abordagens para uma proposta de estudo de conjuntos numéricos, tentando associar tal assunto com a realidade da zona rural.

Para esse fim, foi feita a elaboração de alguns exercícios. Em um deles, considerando a realidade da zona rural, abordam uma situação da prática de uma cooperativa, em que era necessário determinar a quantidade de agricultores que produziam apenas uma das seguintes frutas: laranja, tomate, melancia e pêssego, isso a partir de outros dados fornecidos. Tal atividade era feita por meio da interseção de conjuntos. Os resultados desse processo não foram apresentados na pesquisa, pois segundo os próprios autores, no momento da escrita da comunicação científica, a oficina ainda não havia sido realizada.

No estudo de Oliveira e Alves (2013), denominado “aprendendo a matemática com a abordagem Etnomatemática na Educação de Jovens e Adultos – Estudo de caso”, buscou relatar algumas situações problemas voltadas à identificação de figuras planas em um lote rural e determinação de área. O foco foi, posteriormente, discutir os demais conceitos matemáticos envolvidos nessa prática, por exemplo, de unidade de medida, regra de três simples e porcentagem. Além disso, também foi proposta a realização de uma entrevista, voltada a agricultores, para buscar identificar a Matemática utilizada no dia a dia no campo. Uma das potencialidades desse trabalho foi a realização de atividades, por parte dos envolvidos, sem a necessidade de utilização de fórmulas ou teoremas, a Matemática emergiu das próprias práticas do cotidiano.

O sétimo trabalho, desenvolvido por Polegatti (2013), o qual é intitulado de “Etnomatemática transdisciplinar no Proeja: o preço do metro quadrado para construção de uma casa de alvenaria simples na cidade de Juína – MT”, trouxe um experimento que procurou estimar os valores dos materiais necessários para a edificação de uma casa. Os alunos do PROEJA, ao lado do professor, estudaram alguns conteúdos matemáticos, como geometria, razão e proporção, regra de três, e também juros. Tudo isso era feito através do cálculo da quantidade de tijolos, telhas, madeira e cerâmica. Ao longo da atividade proposta na pesquisa, os educandos participaram de forma ativa, efetuando as contas necessárias, transformando as unidades de medida e organizando os valores encontrados em um quadro. Dessa forma, foi possível alcançar uma aprendizagem significativa. Como sinaliza Polegatti (2013), os estudantes se dedicaram a desenvolver atividade, o que fez deles atores do processo, na concepção do próprio autor, isso aconteceu devido 11 alunos trabalharem na construção civil, seja como pedreiro ou como ajudante, esse foi um número significativo, visto que o total de participantes foram 26.

O oitavo trabalho, escrito por Sousa e Magalhães (2013), de título “Matemática Financeira: uma proposta para a EJA a partir dos pressupostos da Etnomatemática”, relacionou os conteúdos escolares com exemplos do cotidiano dos estudantes. Chama a atenção o fato de ao propor a atividade de sala de aula, uma das primeiras ações foi dividir os estudantes em grupos, conforme as suas “profissões”, por exemplo, as participantes que atuavam como domésticas e/ou cozinheiras deveriam trabalhar com porcentagem, já para lojistas (diversos cargos desse setor) foi indicado o trabalho com Juros Simples, Juros Compostos e Equivalência de Capitais. Tal fato possibilitou a cada sujeito identificar a utilidade do conhecimento matemático na vida prática. Os alunos interagiram bastante, expondo seus pontos de vista, além de questionarem sempre que aparecia alguma dúvida. Essa ação contribui para percebermos a importância do trabalho em grupo em sala de aula, para o caso em que os componentes advenham de contextos similares. Desse modo, seus conhecimentos prévios são valorizados no processo de ensino e aprendizagem.

No estudo de Lopes Júnior e Auarek (2016), “O ensino de frações na Educação de Jovens e Adultos: um diálogo com a Etnomatemática e práticas de numeramento”, é discutido o es-

tudo de frações tendo como suporte “metodológico” a Etnomatemática, isso para, dentre outros pontos, evitar um pouco do formalismo matemático, uma vez que tal conteúdo é considerado difícil por alguns alunos. Fica evidente que o estudo busca uma aproximação entre a Etnomatemática e as práticas de Numeramento, isso como estratégia para articular o conhecimento matemático baseado no senso comum com o conhecimento científico. O trabalho revelou que essa abordagem ajudou a associar a teoria com a prática e o saber com o fazer, o que resultou no desenvolvimento do dinamismo cultural dentro de sala de aula.

O estudo “Contributos da abordagem da Etnomatemática no processo de ensino e aprendizagem da geometria na Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio”, de Santos, Silva e Oliveira (2019), mostrou enfoque na área da Etnomatemática voltado para o processo de ensino e aprendizagem da geometria em uma instituição da rede estadual do município de Candiba–BA. Ao longo da pesquisa, foi possível perceber que os alunos da EJA não conseguiram compreender alguns conceitos geométricos e suas aplicações, visto que sentiam dificuldade de entender como tal assunto era trabalhado no seu cotidiano.

No entanto, quando se passou a valorizar o conhecimento dos estudantes nas atividades, eles conseguiram fazer relação e abstração dos conteúdos. Em uma atividade, a geometria foi explorada a partir de alguns materiais presentes em suas casas, como caixas de sapato, caixas de sabonete. Em outro momento, foram solicitados a expressar por meio de registro pictográfico a geometria presente em seu cotidiano. Nessa atividade, dentre os desenhos, apareceram mesa de bilhar, bola de futebol, mesa de sinuca e fachada de uma casa. Interessante que a partir desses desenhos, percebe-se que cada estudante associa a geometria a algo de seu dia a dia.

Na comunicação científica “O uso das tendências no ensino de Matemática: uma proposta para ensinar função quadrática na Educação de Jovens e Adultos”, Trindade, Ribeiro e Melo (2019) utilizaram algumas abordagens no campo da Educação Matemática para propor e desenvolver uma sequência didática para a EJA. As autoras fizeram uso, por exemplo, da Etnomatemática, das Tecnologias Digitais e da História da Matemática.

A Etnomatemática guiou a ação em sala de aula quando foi requerido que os alunos reconhecessem a função quadrática e a representassem graficamente no plano cartesiano. Para tanto, notamos que foi explorada uma situação-problema do contexto da construção civil, a qual envolvia função quadrática. O problema surgiu da vivência de um estudante da própria turma, o qual trabalhava como pedreiro. Posteriormente, foram propostas outras situações problemas com algo que pudesse ser do contexto de todos, a saber: a determinação do valor de contribuição de cada membro da família para um jantar e a contribuição em reais para a instalação elétrica em uma casa. Trindade, Ribeiro e Melo (2019) avaliam que durante a ação foi perceptível o entusiasmo dos estudantes em participar e aprender, possivelmente por ser mais prazeroso para eles tratarem de situações do dia a dia.

No estudo de Luz e Machado (2019), de título “Um novo eu diante de mim”, as autoras procuram debater sobre os sentidos, as emoções e as redescobertas dos estudantes do Projeto Educação para Pescadores (PEP) desenvolvido no contexto da EJA na Comunidade da Capilha, município de Rio Grande, ao extremo Sul do Brasil. Observa-se que o PEP iniciou com aulas de reforço escolar, o que possibilitou aos pescadores conhecimento para retirarem ou renovarem a licença para a pesca. As autoras não focam em descrever as abordagens Etnomatemáticas empregues durante os encontros, focam no processo da pesquisa que envolvia a participação ativa dos sujeitos, seja por meio de escritos dos pescadores, como também pelas interações.

Fica evidente o esforço no sentido de proporcionar um ambiente de diálogo que favorecesse ao mesmo tempo, a interação entre os sujeitos e o contexto em que eles estavam permeados. Dentre os instrumentos de coleta de dados, Luz e Machado (2019) relatam que foram feitos usos de questionários, de portfólios e escrita de textos reflexivos. Os dados sinalizam que, por conta de todo o processo investigativo, o qual era repleto de diálogo e de elementos do contexto dos estudantes do PEP, considerando as emoções, os sentidos e as redescobertas eles conseguiram perceber, neles mesmo, um novo “EU”. Nesse caso, compreendemos que a Etnomatemática esteve como pano de fundo orientador do processo, pois as autoras valorizavam o diálogo entre todos, as interações e o contexto particular dos participantes.

No que diz respeito ao estudo de Quaresma e Oliveira (2022), intitulado “a Etnomatemática do filé alagoano: narrativa de uma estudante – artesã do EJA”, os autores mostram que os conhecimentos matemáticos são usados como meio de sobrevivência, bem como são fundamentais para o contexto cultural desse indivíduo. Para tanto, narram a história de uma estudante-artesã da EJA. O filé “é um bordado produzido por artesãos alagoanos. O bordado é feito mediante uma tecelagem manual utilizando uma base em rede. Por meio do filé são produzidas roupas, toalhas, peças de decoração, dentre outras” (Quaresma; Oliveira, 2022, p. 2).

Para bordar o filé é preciso desenvolver e aplicar cálculos matemáticos para a contagem de “casas”, estabelecendo marcações de forma muito precisa. Além disso, tal artesanato é feito às margens das belas lagoas Mundaú-Manguaba e repassado de geração para geração, o que torna o processo encantador. Percebe-se que o filé alagoano está completamente relacionado com a ideia defendida por Ubiratan D’Ambrósio, uma vez que podemos identificar o saber matemático que pertence a um grupo social, utilizado para obter seu sustento e representar sua cultura.

Almeida e Rodrigues (2022) expõem a comunicação científica intitulada de “A profissionalização de alunos da Educação de Jovens e Adultos como fator auxiliador para a Etnomatemática”. Dentre outros elementos, eles procuram abordar o conceito de Etnomatemática e como ele é estabelecido no dia a dia desse estudante trabalhador. É desenvolvida uma oficina sobre a profissão de vendedor/empreendedor, a qual foi ministrada por uma aluna para os demais que eram de turmas de 6º, 7º e 8º anos da EJA.

O tema da oficina foi delimitado considerando as profissões dos estudantes e tomando como caso, o contexto de uma aluna que tem uma lanchonete. Por meio de fotografias e de uma gravação da prática dessa aluna em seu ambiente de trabalho, a turma passou a discutir as práticas matemáticas incorporadas no fazer desse estudante/trabalhadora. Durante a oficina, foi explorado, por exemplo, questões relacionadas a números positivos e negativos a partir do trabalho com o dinheiro. Almeida e Rodrigues (2022) apontam que foi importante aproximar o conteúdo da realidade dos alunos, feito que favoreceu a participação e conseqüentemente a aprendizagem.

Por último, o estudo analisado foi o trabalho de Ribeiro e Cheroti (2022), intitulado de “Um estudo da Função do 1º grau através das Tendências de Ensino da Matemática na Educação de Jovens e Adultos”. As autoras objetivam apresentar uma proposta pedagógica em que busca suporte na História da Matemática, na Etnomatemática, no uso de Tecnologias e na Modelagem Matemática.

Ribeiro e Cheroti (2022) aplicam uma sequência didática (proposta pedagógica) sob a orientação do que elas chamam de Tendências em Ensino de Matemática. No caso específico da Etnomatemática se observa que ela foi abordada, logo após a exposição inicial do conteúdo, segundo as próprias autoras, ela foi incorporada por meio de situações problemas, expostas aos alunos, as quais estavam relacionadas as profissões dos estudantes. Diante desse abordagem, nota-se novamente a Etnomatemática como uma “tendência” que contribui para aproximar o conhecimento trazido pelos estudantes de seu ambiente natural com o conhecimento escolar/científico.

Após o levantamento dessas informações, é possível perceber que os trabalhos publicados do ENEM trouxeram discussões importantes e resultados positivos sobre o emprego da Etnomatemática no processo de ensino e de aprendizagem das turmas de EJA. Além disso, os alunos conseguiram obter um maior entendimento dos conteúdos matemáticos.

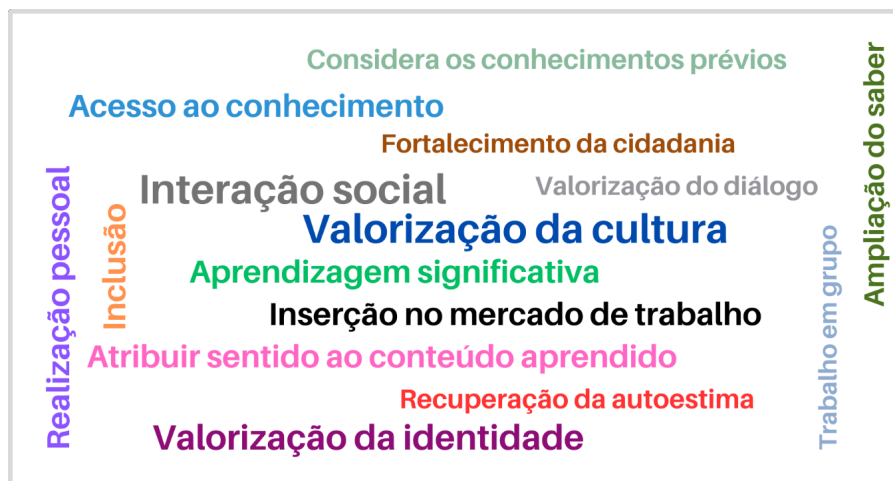
Pode-se observar também que quando se pensa em possíveis possibilidades de trabalho com a Etnomatemática, elas em sua maioria estão associadas a práticas sociais, culturais e artesanais de uma dada população ou grupo cultural. Nesse caso, dentre as possibilidades podemos citar: o trabalho das pessoas envolvidas na construção civil, tais como pedreiros, azulejistas, ajudantes de pedreiro; explorar a Matemática praticada no campo, por exemplo, na demarcação de terras e no comércio de grãos; a Matemática presente na fabricação de rendas e bordados; e a Matemática do setor de comércio. Notamos que todas essas possibilidades estão associadas às práticas de sobrevivência, o que ilustra a afirmação de D’Ambrósio (2008) ao destacar que a Matemática, na verdade, é uma resposta a busca por sobrevivência e transcendência.

Além dessas possibilidades técnicas/práticas, as quais parte de atividades culturais e de certa forma mecânicas, compreendemos que outra possibilidade de se explorar a Etnomatemá-

tica em sala de aula da EJA é justamente por meio da nossa postura enquanto professor. Ao observar os trabalhos, fica evidente que devemos estar munidos de uma prática que favoreça o diálogo entre todos, uma prática que considere as especificidades de cada sujeito, sejam elas culturais, físicas ou cognitivas, por exemplo.

No que diz respeito as contribuições do trabalho com a Etnomatemática no processo de ensino e aprendizagem na EJA, também com base na leitura dos estudos analisados, buscamos sistematizá-las por meio de uma nuvem de palavras (Figura 1).

Figura 1 – Contribuições da Etnomatemática no contexto da EJA



Fonte: elaboração dos autores.

Como se pode observar nessa nuvem de palavras, a Etnomatemática agrega várias contribuições ao contexto de ensino e aprendizagem da EJA. Contudo, devemos destacar que as palavras elencadas não esgotam as contribuições, pois compreendemos que a cada sujeito participante, a cada grupo de indivíduos e a cada prática sociocultural discutida, podem emergir, tantas outras contribuições.

Ainda em relação a esses prós destacados na Figura 1, cabe destacar que eles vão muito além de apenas favorecer o processo de ensino e aprendizagem, eles perpassam por uma dimensão de cunho profissional, por uma dimensão de caráter social e por uma dimensão de natureza pessoal. Nesse contexto, compreende-se a Etnomatemática como uma possibilidade de evidenciar a Matemática como um instrumento educativo, o qual, nós, professores de Matemática usamos não só para ensino e aprender, mas sobretudo para conseguirmos fazer nossas atividades diárias, para nos constituir como sujeitos e para aprendermos a conviver.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do observado na pesquisa, trabalhar com as turmas da EJA, “parece” ser algo desafiador no Brasil, pois o governo não tem conseguido garantir e oferecer condições adequadas de

ensino para esses indivíduos, como foi mostrado na reportagem do *site* Porvir (veja p. 5 deste artigo). Apesar de desafiador, nesses termos citados, cabe acrescentar que trabalhar com as turmas da EJA é um processo em que acontece uma troca mútua, pois tanto o professor quanto os alunos oferecem uma bagagem de conteúdo rico, no que diz respeito ao contexto curricular, no caso do educador, e nos aspectos social e cultural, no caso dos estudantes. Além disso, tais indivíduos fortalecem sua autoconfiança e recuperam sua autoestima, uma vez que se sentem valorizados e capazes de resolver problemas matemáticos.

O ensino de Matemática através da ótica da Etnomatemática contribuiu para o processo de ensino e de aprendizagem dos alunos da EJA. Eles conseguem interagir mais nas aulas, compreendem melhor o assunto, se sentem capazes de aprender algo novo, buscam pensar de forma crítica, como também ficam satisfeitos com toda a experiência adquirida. Perante o exposto, é possível perceber que o trabalho com a Etnomatemática na EJA possibilita aprender de forma interessante e descomplicada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Roger Moreira de; RODRIGUES, Zionice Garbelini Martos. A profissionalização de alunos da Educação de Jovens e Adultos como fator auxiliador para a Etnomatemática. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 14., 2022, online. **Anais** [...]. Brasília, DF: SBEM, 2022. p. 1-11. Disponível em:

<http://www.even3.com.br/anais/xivenem2022/484157-ETNOMATEMATICA-COMO-FATOR-AUXILIADOR-NA-PROFISSIONALIZACAO-DE-ALUNOS-DA-EDUCACAO-DE-JOVENS-E-ADULTOS>. Acesso em: 14 ago. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.632, de 6 de março de 2018**: Intitui a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 2018.

BRASIL. **Proposta curricular para a educação de jovens e adultos**: segundo segmento do ensino fundamental. Brasília, DF: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática**: elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**. 2. ed. São Paulo, SP: Palas Athena, 2009.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Uma História Concisa da Matemática no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DANYLUK, Ocsana; GOMES, Carmem; MORTARI, Magda; MALLMANN, Maria Elene. Educação de jovens e de adultos: investigando os atos de leitura e de escrita da linguagem matemática. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 7., 2004, Recife, PE. **Anais [...]**. Recife, PE: UFP, 2004. p. 1-13. Disponível em: <https://www.sbembrasil.org.br/files/viii/arquivos/GR01CC.htm#>. Acesso em: 14 ago. 2025.

FANTINATO, Maria Cecília de Castello Branco. Calculando exagerado para não passar vergonha no caixa: conhecimentos matemáticos cotidianos de jovens e adultos do Morro de São Carlos. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 7., 2004, Recife, PE. **Anais [...]**. Recife, PE: UFP, 2004. p. 1-17. Disponível em: <https://www.sbembrasil.org.br/files/viii/arquivos/GR05CC.htm#>. Acesso em: 14 ago. 2025.

FANTINATO, Maria Cecília de Castello Branco; SANTOS, Rosana Kelly dos. Etnomatemática e prática docente na Educação de Jovens e Adultos. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 9., 2007, Belo Horizonte, MG. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UNI-BH, 2007. p. 1-16. Disponível em: https://www.sbembrasil.org.br/files/ix_enem/Html/comunicacaoCientifica.html. Acesso em: 14 ago. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1974.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GOMES, Maria José; BORBA, Rute Elizabete de Souza Rosa. Pedreiros e marceneiros fazendo matemática: o conhecimento de alunos jovens e adultos em relação aos números decimais. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 9., 2007, Belo Horizonte, MG. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UNI-BH, 2007. p. 1-20. Disponível em: https://www.sbembrasil.org.br/files/ix_enem/Html/comunicacaoCientifica.html. Acesso em: 14 ago. 2025.

KNIJNIK, Gelsa; WANDERER, Fernanda; GIONGO, Ieda Maria; DUARTE, Claudia Glavam. **Etnomatemática em movimento**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012.

LIMA, Edney Araujo; BANDEIRA, Francisco de Assis. As unidades temáticas geometria e grandezas/medidas nas práticas etnomatemáticas dos tecelões de redes de dormir de Jaguaruana - CE. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 13., 2019, Cuiabá, MT. **Anais [...]**. Cuiabá, MT: UNEMAT, 2019. p. 1-12. Disponível em: <https://www.sbemmatogrosso.com.br/xiiienem/anais.php>. Acesso em: 14 ago. 2025.

LOPES JÚNIOR, José Erildo; AUAREK, Wagner Ahmad. O ensino de frações na Educação de Jovens e Adultos: um diálogo com a Etnomatemática e as práticas de numeramento. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 12., 2016, São Paulo, SP. **Anais** [...]. São Paulo, SP: UNICSUL, 2016. p. 1-12. Disponível em:

https://www.sbembrasil.org.br/enem2016/anais/pdf/5602_3514_ID.pdf. Acesso em: 14 ago. 2025.

LUZ, Vanessa Silva da; MACHADO, Celiane Costa. Um novo eu diante de mim. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 13., 2019, Cuiabá, MT. **Anais** [...]. Cuiabá, MT: UNEMAT, 2019. p. 1-12. Disponível em:

<https://www.sbematogrosso.com.br/xiiienem/anais.php>. Acesso em: 14 ago. 2025.

OLIVEIRA, Rodrigo Gonçalves; ALVES, Luana Leal. Aprendendo Matemática com a Abordagem Etnomatemática na Educação de Jovens e Adultos: estudo de caso. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 11., 2013, Curitiba, PR. **Anais** [...]. Curitiba, PR: PUC, 2013. p. 1-9. Disponível em:

https://www.sbembrasil.org.br/files/XIENEM/trabalhos_18.html. Acesso em: 14 ago. 2025.

PIEPER, Christian Roger Vilela; LAUZ, Jonathan Brum; MARQUEZ, Michel Hallal; COUTINHO, Juliana Gularte. A aplicação da Teoria Cognitiva e da Etnomatemática no ensino de conjuntos matemáticos na Educação de Jovens e Adultos. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 11., 2013, Curitiba, PR. **Anais** [...]. Curitiba, PR: PUC, 2013. p. 1-7. Disponível em: https://www.sbembrasil.org.br/files/XIENEM/trabalhos_18.html. Acesso em: 14 ago. 2025.

POLEGATTI, Geraldo Aparecido. Etnomatemática transdisciplinar no PROEJA: o preço do metro quadrado para construção de uma casa de alvenaria simples na cidade de Juína - MT. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 11., 2013, Curitiba, PR. **Anais** [...]. Curitiba, PR: PUC, 2013. p. 1-16. Disponível em:

https://www.sbembrasil.org.br/files/XIENEM/trabalhos_18.html. Acesso em: 14 ago. 2025.

QUARESMA, Leila; OLIVEIRA, Carloney. A etnomatemática do filé alagoano: narrativa de uma estudante – artesã do EJA. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 14., 2022, online. **Anais** [...]. Brasília, DF: SBEM, 2022. p. 1-10. Disponível em:

<https://www.even3.com.br/anais/xivenem2022/484537-A-ETNOMATEMATICA-DO-FILE-ALAGOANO--NARRATIVA-DE-UMA-ESTUDANTE-E-ARTESA-DA-EJA>. Acesso em: 14 ago. 2025.

RIBEIRO, Raylanny Karynny dos Santos; CHEROTI, Aparecida do Carmo Fernandes. Um estudo da função do 1º grau através das Tendências de Ensino da Matemática na Educação de Jovens e Adultos. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 14., 2022,

online. **Anais** [...]. Brasília, DF: SBEM, 2022. p. 1-10. Disponível em:

<https://www.even3.com.br/anais/xivenem2022/474792-UM-ESTUDO-DA-FUNCAO-DO-1-GRAU-ATRAVES-DAS-TENDENCIAS-DE-ENSINO-DA-MATEMATICA-NA-EDUCACAO-DE-JOVENS-E-ADULTOS>. Acesso em: 14 ago. 2025.


SANTOS, Kaliane Moura dos; SILVA, Sidineia Chagas da; OLIVEIRA, Sandra Alves de. Contributos da abordagem da Etnomatemática no processo de ensino e aprendizagem da geometria na Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 13., 2019, Cuiabá, MT. **Anais** [...]. Cuiabá, MT: UNEMAT, 2019. p. 1-12. Disponível em: <https://www.sbemmatogrosso.com.br/xiiienem/anais.php>. Acesso em: 14 ago. 2025.


SOUSA, Luis Fernando de; MAGALHÃES, Ana Paula de Almeida Saraiva. Matemática Financeira: uma proposta para a EJA a partir dos pressupostos da Etnomatemática. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 11., 2013, Curitiba, PR. **Anais** [...]. Curitiba, PR: PUC, 2013. p. 1-15. Disponível em: https://www.sbembrasil.org.br/files/XIENEM/trabalhos_22.html. Acesso em: 14 ago. 2025.

TRINDADE, Thereza; RIBEIRO, Raylanne; MELO, Rayane. O uso das tendências do ensino de matemática: uma proposta para ensinar função quadrática na Educação de Jovens e Adultos. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 13., 2019, Cuiabá, MT. **Anais** [...]. Cuiabá, MT: UNEMAT, 2019. p. 1-12. Disponível em: <https://www.sbemmatogrosso.com.br/xiiienem/anais.php>. Acesso em: 14 ago. 2025.

SOBRE OS AUTORES

Grad. Fernanda Moreira Lopes


 <https://orcid.org/0009-0006-2717-5195>


 <http://lattes.cnpq.br/7689049738989522>

Contato: fernanda.moreira@aluno.uece.br

Contribuição autoral: administração do projeto; análise formal; conceituação; curadoria de dados; escrita – primeira redação; escrita – revisão e edição; investigação; metodologia; supervisão; validação; visualização.

Dr. Francisco Wagner Soares Oliveira


 <https://orcid.org/0000-0001-9296-8200>


 <http://lattes.cnpq.br/8974341675195397>

Contato: franciscowagner2007@gmail.com

Contribuição autoral: administração do projeto; análise formal; conceituação; curadoria de dados; escrita – primeira redação; escrita – revisão e edição; investigação; metodologia; supervisão; validação; visualização.

Dr. Otávio Floriano Paulino

 <https://orcid.org/0000-0001-5237-3392>

 <http://lattes.cnpq.br/1857806253382088>

Contato: otavio.paulino@ufersa.edu.br

Contribuição autoral: administração do projeto; análise formal; conceituação; curadoria de dados; escrita – primeira redação; escrita – revisão e edição; investigação; metodologia; supervisão; validação; visualização.